

Rubens Rodrigues Torres Filho (1942-2023)



Por **ELIAKIM FERREIRA OLIVEIRA***

Rubens foi um grande filósofo e um grande poeta, um autêntico virtuose da palavra

Morreu há pouco o grande filósofo e poeta, autêntico *virtuose* da palavra, Rubens Rodrigues Torres Filho. Em vez de iluminar a filosofia de Rubens, leitura rigorosa e fecunda da filosofia alemã dos séculos XVIII e XIX, eu gostaria de lançar luz sobre o Rubens poeta, infelizmente pouco lido pela crítica literária.

Em 1981, Rubens publica *O voo circunflexo*, em edição de Massao Ohno, em lançamento conjunto com *Jardins da Provocação* de Claudio Willer (1940-2023). É, como alguém disse, um livro-jogo, mais exatamente um jogo que circula no cancionário de sentido e no *nonsense*. Nesse livro, Rubens Rodrigues Torres Filho segue à risca, a nosso ver, os imperativos de Carlos Drummond: “não faça versos sobre acontecimentos”, “não cante tua cidade”, “não dramatizes”, “não invoques” e, o mais importante, que é síntese e fundamento: “penetra surdamente no reino das palavras”.

Isso resultou numa poesia que é em grande parte signo de, e não tanto signo para. Em outros termos, é uma poesia que tende a ser única e exclusivamente do signo, enquanto elemento concreto de fatura e elaboração em solidariedade com outros signos. O título do livro, nesse sentido, não é gratuito: o voo circunflexo é já um signo que aponta a outro – aquele acento circunflexo invertido que, quando visto meio de longe, é o voo prototípico e desenho infantil de qualquer ave. Importa, com isso, essa aparente referência de um signo (a longínqua arribação que nos remete ao voo das aves) a outro (o acento circunflexo que pomos sobre outros signos, como uma ave que voa invertida).

Que não confundamos essa poesia com a poesia concreta, elaborada pouco antes, embora a poesia de Rubens Rodrigues Torres Filho dê grande relevo – tal como a de João Cabral e Orides Fontela (também poeta e filósofa) – à dimensão concreta da palavra. Veja:

Crivo

Seja o verbo luzir
e a pomba luz,
mas fixa, trans-
vertebrada.
Límpida lâmpada, é só alvo
a alvura. Salvo
essa perene sutura futura.

E não falamos, ainda, que a anteposição do artigo ao voo obriga o leitor a ver, em *O voo circunflexo*, um “ovo”: o signo que está, sem querer querendo, grávido de outro. Não à toa, no mesmo livro, Rubens Rodrigues Torres Filho publica o poema

a terra é redonda

“ab ovo” (p. 49) e, poucas páginas depois, o poema “puxa-palavra”. Isso de o signo estar prenhe de outro é, em outras palavras, a palavra que puxa a palavra, mas não ao acaso, como na cacofonia infantil, mas de maneira condicionada a encontrar, na outra, outro sentido que contamine a primeira:

Palavra puxa palavra,
tristeza puxa tristeza
e o mundo, de tão redondo,
vai ficando uma represa
fechada até o alto,
palavra puxa tristeza. [...]

O essencial, o que importa, de novo, é “penetrar surdamente no reino das palavras”. Elas é que são a “matéria-prima” da poesia, a primazia do poema:

Esta palavra contém
um poema
este poema não
contém palavras. Uma
palavra
e
outra
dançando ciranda
compondo o
colar [...].

No livro seguinte, de 1985, o procedimento é escancarado: *A Letra Descalça: poemas*. Hora de ir além: despir a palavra, insistir num *strip-tease* do verbo, para chegar às estruturas do poema, fazer ver se há par entre o verbo e o real. Como no poema “minguante”, em que a letra, para além da palavra, se torna a imagem do referente, não em harmonia imitativa, mas em imitação pictórica:

minguado lirismo
ó almas do terceiro mundo:
a palavra LUA
traça
 um crescente, se tanto
já MOON,
 duas
 e cheias

Suponho que esse procedimento muito tenha a ver com certas escolhas filosóficas de Rubens Rodrigues Torres Filho. O poeta, certa vez, ao investigar as relações entre nossos códigos de leitura do mundo e o próprio mundo a partir do transcendental kantiano, perguntou-se: “Eu leio, enfim, o voo da pomba [seria essa uma obsessão rubensiana pelo voo?] – mas sou mesmo eu ou são esses códigos que, afinal, estão lendo?” (In: *A virtus dormitiva de Kant*).

Rubens Rodrigues Torres Filho destaca, então, a impossibilidade de sair do signo, da relação de significação, para ver a coisa, ela mesma, pura, face a face, sem sobre ela caírem nossos códigos de significação. Se isso é impossível, tratemos de levar a sério o que temos: o signo, só ele, construto humano e ponte para o real.

***Eliakim Ferreira Oliveira é poeta e mestre em filosofia pela USP.**

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.
Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)

A Terra é Redonda